

O MITO DO PAI

Irene Paiva Melo¹

“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (FREUD, 1912).

Tendo como base os textos de Freud, Totem e Tabu (1912) e O Futuro de uma Ilusão (1927), nos quais ele escreve sobre o fenômeno religioso, enfatizando principalmente a imagem paterna que há por trás da figura de Deus, abordarei a questão da clínica como instrumento que revela o que permanece velado na religião.

Segundo Freud, o sujeito é movido a procurar a religião pelo sentimento de desamparo experienciado na infância, inerente a todo ser humano. Assim, ele nos mostra como a religião se utiliza desse fato, trazendo a figura do pai para o centro de suas reflexões.

Freud ao escrever Totem e Tabu (1912), pretendia explicar porque os aborígenes australianos evitavam o incesto utilizando um sistema exogâmico de relações numa organização social, aonde severas regras eram observadas. O pai de Totem e Tabu era o pai todo-poderoso, não castrado, que tinha todas as mulheres para si e por isso foi alvo da hostilidade dos filhos que o mataram. Após o ato, o consomem num banquete canibalesco para se apropriarem das marcas de sua onipotência e assumirem o seu lugar. Os filhos descobrem que também amavam esse pai, o amor foi então, transformado em sentimento de culpa e a palavra do pai se converteu em lei simbólica. Com a culpa e o arrependimento realizaram um culto através do qual a dívida seria honrada pela rendição à instituição simbólica da proibição do incesto. O homem que tinha todas as mulheres só advém como pai a partir do instante em que morre como homem. *“Esse crime está destinado a dar origem a toda civilização futura, foi o ato criminoso memorável com o qual começaram a organização social, as restrições morais e religiosas.”* (FREUD, 1912, p.91).

Em o Futuro de uma Ilusão (1927), Freud defendia ser o homem, antes de ser um ser da razão, ele seria um ser de desejo. O ser humano é uma instância pulsional marcado e dividido pelo conflito. A cultura fundamenta-se sobre as bases da renúncia pulsional, e os

¹ Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: irenepmelo@gmail.com.

indivíduos possuem atitudes hostis a ameaçarem a cultura e, por isso as interdições são necessárias apesar das frustrações que delas resultem.

O homem sempre se questionou diante dos fatos e acontecimentos que o rodeia, sentindo sempre a necessidade de encontrar respostas para suas indagações, seja através do misticismo, seja através da ciência.

O misticismo difere da ciência a partir do momento em que não necessita de fundamentação científica para existir. As religiões são marcadas pelo valor universal da crença, se organizam e exercem certo controle social em seus ambientes e fora deles, criando sanções e proibições a serem seguidas por todos. A verdade está em Deus.

Na história da existência humana, 99,5% é denominada pré-história. Nesse período a vida religiosa desenvolveu-se sob a forma de mito. O homem primitivo ainda sem uso (completo) da razão, via na morte, nas doenças e nos fenômenos da natureza, forças sobrenaturais a encherem-no de medo. Para aplacar as forças criou um mito em torno de cada uma e só mais tarde surgiram às grandes religiões.

Dessa forma, o medo, a dúvida, a insegurança, a incapacidade de resolver os problemas humanos, levaram o homem a criar um mundo mágico ao seu redor.

As religiões continuam a orientar e manipular os homens com suas mensagens de salvação. Definem que para ter salvação devem ter como virtudes básicas a penitência, obediência e a abstinência sexual até o casamento, devem suportar com resignação os desígnios da providência, faltando com isso, mostrar sua parcela de responsabilidade no destino “terrestre do homem”. (FREUD, 1927, p.30).

A tarefa de dominar por diferentes meios um impulso tão poderoso como a pulsão sexual, é tão árdua, que pode esgotar todas as energias do sujeito. O domínio por meio da sublimação é apenas acessível a uma minoria limitada. A imensa maioria sucumbe à neurose.

As religiões não disponibilizam a figura do pai para ser usada como uma maneira de ir além desse pai. Pelo contrário, por elas, o sujeito deve ficar agarrado ao Complexo de Édipo, venerando esse pai morto, o “ao menos um” que não foi castrado, durante toda sua vida. Elas não têm interesse algum nesse desligamento de forma a possibilitarem um posicionamento como sujeito, lidando com a falta de sentido e se responsabilizando pelo seu gozo. Deus é a causa de todas as coisas, com isso o próprio sujeito corta seu acesso à verdade atribuindo a Deus a causa do seu desejo. Sob o ponto de vista religioso, o sujeito tem que continuar dependente da figura do pai como norteadora, caso contrário, as religiões perderiam o controle sobre as vidas de seus fiéis. (FREUD, 1927).

A criança teme o poder dos pais, mas também confia na proteção deles. Os homens inventam deuses, ou aceitam passivamente os deuses que sua cultura lhes impõe, exatamente por terem crescidos com esses modelos dentro de casa.

Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não era a intenção de Freud em *O Futuro de uma Ilusão*, mas esclarecer quais as bases psicológicas para instauração das crenças religiosas.

Qual a significação psicológica das ideias religiosas? (FREUD, 1927).

Freud (1912) descreveu a função paterna como estruturante do psiquismo através do Complexo de Édipo, atribuindo ao pai à lei, um pai potente que intervém na relação mãe-filho, privando a mãe do seu objeto e colocando um limite no gozo desmedido. Ele ajuda o filho a sair desse lugar de assujeitamento frente ao desejo materno. Sabemos que a presença do pai como terceiro intercepta este gozo e proíbe o incesto. O pai está inscrito no psiquismo da mãe, em sua experiência edípica com seu próprio pai e em sua vivência amorosa com seu parceiro. A palavra paterna depende, para circular, do sim ou não na mãe à palavra do pai. Vemos que o desejo da mãe está sustentado na lei e é a lei que faz surgir o desejo no filho.

Num primeiro tempo, a lei contra o incesto é enunciada em Nome do Pai. No segundo tempo, a criança supõe ser o pai a lei; no terceiro tempo reconhece que o pai não é a lei, mas a transmite. O pai é um operador simbólico, o qual não remete à existência de nenhum pai encarnado. Ele ordena uma função estruturante do ponto de vista do inconsciente. (LACAN, 1957/58).

O pai simbólico é o depositário legal de uma lei que lhe vem de outro lugar e nenhum pai da realidade pode se vangloriar de ser seu detentor ou fundador. Ele é apenas seu representante. A prescrição simbólica, a indicação desta lei supõe uma negociação imaginária prévia que se desenrola entre pai – mãe – filho, reunido na triangulação edípica e todos têm que se referir a um 4º elemento: o falo. Só este 4º elemento constitui o parâmetro fundador suscetível de inferir a investidura do pai simbólico a partir do pai real, pela via do pai imaginário. (LACAN, 1957/58).

O falo é a unidade significante do real da diferença dos sexos. Constitui o centro de gravidade da função paterna, que vai permitir a um pai real assumir a sua representação simbólica. O falo é o único agente regulador da economia do desejo e de sua circulação com referência à mãe e ao filho.

A esta operação Lacan chamou de operação do Nome do Pai ou Metáfora paterna remetendo o pai ao estatuto de um significante que substitui o desejo da mãe. Através da sua presença e ausência, a mãe introduz o filho a uma primeira formulação do simbólico. Se o

desejo da mãe funciona sem ser nomeado pela função paterna, como puro capricho, estão assentadas as bases para uma estrutura psicótica ou perversa. É função do pai nomear o desejo da mãe e substituí-lo pelo significante Nome do Pai dando assim uma significação nova e barrando o gozo experimentado entre mãe e filho.

A função paterna dará sentido, ela marca a passagem da natureza para a cultura, do animal para o humano. Freud (1912) atribui ao pai um lugar de alteridade e seria um “modelo para todos”, um pai soberano, ideal, um Grande Outro da linguagem, que Jacques Lacan denominou de Nome-do-Pai.

Lacan enfatiza que o pai deve mostrar suas falhas, possibilitando ao filho ir além dele. Porém, esse movimento só se torna possível se o filho tomar o pai como um instrumento a ser usado e ultrapassado. E este é o movimento não permitido pela religião através de um oferecimento para o sujeito de um Deus-Pai perfeito (FREUD, 1912).

Há a tentativa realizada pelo sujeito, em especial, o neurótico, de manter o pai no lugar do sagrado, na esperança de recuperar sua autoridade, que é posta em questão nas configurações familiares atuais. As famílias têm experienciado mudanças radicais ao longo do tempo. Mudanças de valores, identidades e comportamentos. Modificações nas condições de procriação, sendo que o ato sexual deixou de ser a única forma de fertilização existente; mudanças nas maneiras de se criar um filho, bem como a crescente demanda de modificação da identidade sexual.

Era referência de normalidade e das melhores condições de organização psíquica a família tradicional, e tinha como base o pai, todo e qualquer modo de filiação que não se encaixasse nesse padrão iria produzir sujeitos com sérios problemas psíquicos.

Porém, avaliando as consequências decorrentes dessas transformações, isto é, não estamos observando problemas mais sérios que os que já existiam com relação à subjetivação do indivíduo, devido à falta de um pai na família. Não é a presença do pai que faz a diferença, mas sim que o sujeito seja reconhecido pela palavra do Outro.

Assim, não importa que o pai falte algumas vezes ou que haja uma carência paterna, por esse pai ser enfraquecido demais. “*O essencial é que o sujeito, seja por que lado for, tenha adquirido a dimensão do Nome-do-Pai*” (LACAN, 1957-58, p.162).

A partir destas colocações cabe refletirmos sobre o que ocorre na prática.

Uma analisante, seguindo um tempo os ensinamentos da igreja a qual sua mãe e tia pertenciam e insistiam que ela frequentasse, sentia-se sufocada. Resolve deixar de seguir essa religião, e diz: “*eu não quero mais essa vida de “santa”, eu quero viver, passear, me divertir, eu posso fazer tudo isso sem pecar. Minha mãe vive dizendo que estou indo pro caminho do*

mal, o demônio está fazendo eu me afastar de Deus, minha vida é de pecado". Seus pais se separaram quando ela tinha dois anos. *"Meu pai foi um bom "vivant", imaturo e irresponsável até hoje. Eu nem sei o que é uma família de verdade, meu pai foi e é muito ausente. Minha mãe me sufoca, e tudo que ela não foi ela me cobra*". Ela mora com a mãe e avó materna. *"minha mãe é infantil e inconveniente"*.

Qual a posição dos filhos (as), diante da religião imposta pelos pais?

Qual a posição do pai diante do excesso do poder materno?

No Seminário 11- Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964), Lacan nos fala sobre a operação da alienação, ou seja, o que quer que se faça sempre se está um pouquinho mais alienado, quer seja no econômico, no político, no psicopatológico, no estético e assim por diante.

A alienação consiste nesse *vel* que condena o sujeito a só aparecer na divisão, ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise* (desaparecimento).

O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência *um nem um, nem outro*.

Se escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – se escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente.

Esse *ou* alienante está na linguagem. A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada.

As operações de alienação e separação são constitutivas do sujeito. A criança encontra-se de início dependente do mundo de significações e desejo do Outro. Após essa fase vem a operação de subtração, possibilitando a criança sair da posição de submissão e ter a condição de sujeito do seu próprio desejo (LACAN, 1964).

Em relação aos analisantes, principalmente os que trazem questionamentos sobre a religião, a dor e o desamparo marcam esses sujeitos. Tais marcas estão expressas nos sofrimentos em conviver com esse pai da religião ou com a ineficácia do pai que não exerceu sua função paterna.

Falar desse pai desfalcizado, enfraquecido, omissivo, principalmente quando essas falhas começam a ficar mais visíveis e insuportáveis para esse sujeito, requer do sujeito uma elaboração da experiência frente ao pai. Muitas vezes o amor é usado como proteção contra a

angústia, velando a inconsistência paterna e impedindo, assim como o ódio, o contato com o desamparo presente na vida do sujeito.

Ao trazer esse fragmento clínico questiono: Como se posicionar diante do Outro, qual o reconhecimento como sujeito do seu desejo?

Assim, a insegurança, o medo, a angústia, permite que se faça uma comparação entre a situação de desamparo já experimentada nos primeiros tempos da vida e a situação de sofrimento que constitui uma demanda por análise.

No processo de análise, o analisante é convocado a assumir as conseqüências de sua posição de sujeito, a qual será sempre responsável.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. - Totem e Tabu (1912), ESB vol. XII 1976. Rio de Janeiro: Imago.

_____, O Futuro de uma Ilusão (1927), ESB vol. XXI 1976. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. – O Seminário, livro 5 - As Formações do Inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, 1953.

_____, O Seminário, livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ROCHA, Z. - (1995). Freud, Moisés e o monoteísmo judaico: Contribuições para a leitura do livro "O homem Moisés e a religião monoteísta". In *Freud: Aproximações* (pp. 365-422). Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 1995.

Revista Mal-estar E Subjetividade - ISSN (Versão impressa): 1518-6148 - Universidade de Fortaleza – Brasil – Disponível em: <http://www.redalyc.org/>